

O orgânico nosso de cada dia

O filósofo americano Alan Levinovitz, da Universidade James Madison, em entrevista à revista *Veja* de 26 de agosto de 2015, respondendo à pergunta sobre o que achava da afirmação do Instituto Nacional de Câncer (Rio de Janeiro), de que “modos de cultivo livres de agrotóxicos produzem frutas, legumes, verduras e leguminosas, como os feijões, com maior potencial anticancerígeno”, assim se expressou: “Isso é um absurdo, francamente”. E mais adiante: “Mas é difícil demonstrar evidências científicas consistentes de propriedades anticancerígenas em alimentos orgânicos”. E prosseguindo: “A separação entre alimentos orgânicos e não orgânicos não é uma distinção científica. Dizer que alimentos orgânicos ajudam a prevenir câncer é um madra religioso. Não sabia dessa orientação no Brasil. Estou chocado”.

Pois chocados ficamos nós, brasileiros. Filosofando, e não apresentando dados de pesquisa, como habitualmente fazem os cientistas, o entrevistado demonstra desconhecer a realidade da agricultura brasileira e o que é de fato agricultura orgânica, até mesmo de seu país, um dos maiores produtores e consumidores desse tipo de alimento no mundo. A importante afirmação do Instituto Nacional de Câncer é um alerta para o perigo dos agrotóxicos no Brasil, que, sendo o país líder mundial no consumo desses

venenos agrícolas, pouco tem feito para abolir o uso de vários deles, comprovadamente carcinogênicos, mutagênicos, teratogênicos, há muito proibidos em outros países. Não são apenas os aplicadores de agrotóxicos que estão sujeitos a contrair doenças degenerativas (câncer) e neurológicas (Alzheimer e Parkinson), mas também os consumidores de alimentos convencionais, pobres de nutrientes e ricos de resíduos de venenos, como tem demonstrado a Anvisa [Agência Nacional de Vigilância Sanitária] em seus relatórios anuais (Paras).

Não usando agrotóxicos, a agricultura orgânica não expõe os agricultores nem os consumidores aos riscos de envenenamentos, intoxicações e doenças crônicas. Disso se deduz ser coerente e legítima a afirmação do Instituto Nacional de Câncer, ridicularizada pelo prepotente e mal informado filósofo americano. Embora não mencionado no texto, verduras e legumes convencionais, que recebem doses altas de fertilizantes nitrogenados, apresentam teores elevados de nitrato, que, combinado com as aminas da digestão proteica, produz nitrosamina, poderoso agente carcinogênico.

* PhD; professor sênior da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (USP), em Piracicaba.

“Produzidos em solos ricos de matéria orgânica, os alimentos orgânicos apresentam teores mais elevados de sais minerais, vitaminas e substâncias antioxidantes que os alimentos convencionais”

Mas a questão vai muito além. Produzidos em solos ricos de matéria orgânica, os alimentos orgânicos apresentam teores mais elevados de sais minerais, vitaminas e substâncias antioxidantes que os alimentos convencionais. Experimentos feitos por muitas das mais conceituadas instituições de pesquisa em várias partes do mundo corroboram tal afirmativa. Assim, a maior quantidade de antioxidantes (ácido ascórbico, ácidos fenólicos, flavonoides, polifenóis) nos alimentos orgânicos pode evitar doenças degenerativas. Em 2009, num relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, lia-se: “Alimentos ricos em fitoalexinas (antioxidante de grande importância para a saúde humana, exemplo do qual é o resveratrol, dos vinhos tintos e sucos de uva) só são possíveis com a agricultura orgânica” (USDA, Boue et alli.). Não fosse assim, como explicar o crescimento de 25% ao ano da agricultura orgânica no Brasil, gerando 1,5 bilhão de dólares com exportações em 2014, e de um comércio internacional de 72 bilhões de dólares anuais? Nada mais precisa ser dito.

Ora pro nobis “madrá”, Alan. ■

